

RECADO DE PARIS

PARIS, fevereiro — Um jornal dá o retrato de Michel Simon (o do cinema, não o nosso caro poeta da Embaixada de França) experimentando, em uma dessas lojas que vendem excedentes de guerra, um desses capotes de ingleses de cor fulva, de capucho e botões de madeira. Foi Jean Cocteau quem adotou a moda do "duffie coat", moda confortável e econômica que agrada tanto a Cícero Dias como a um açougueiro de Montmartre.

Vi de perto a cara torta de Michel Simon uma noite destas, no "Relais du Plaza". Estava com Arletty, aquela mulher encantadora do cinema, cuja imagem chegando a cavalo a um castelo no "Visiteurs du Soir" não esquecerei depressa.

Mas assim, sem o milagre da "maquillage" e das luzes sábias que servem à camera, sua cara é tristemente empergaminhada de rugas. Deve estar pelos 50. Ele rejeita a mesa que o "maitre" lhe oferece e pede duas "soupes a l'oignon à la chambre".

Saem pela porta lateral, que dá passagem para o hotel. Olho mais uma vez Arletty — há uma beleza telmosa e digna que ainda a ilumina, como um clarão de outono.

* * *

Tempestade na Mancha, enchentes e desastres na França, avalanchas nos Alpes — mas em Paris, o inverno que esteve feio e crú uma semana inteira volta a se fazer suave. Os pescadores ressurgem à beira do Sena — e meu vizinho de quarto, que é caçador, já se animou a sair e matou um coelho. Vem me mostrar o bichinho pendurado pelas patas de trás e me confessa, como para se desculpar, que seu ideal seria caçar tigres — mas não tem dinheiro para ir à África. Tanto pior para os coelhos.

Na estação de Pigalle uma velha de 73 anos tentou se matar jogando-se em baixo do "metro" que chegava. Era o último "metro", à meia noite e cinquenta e cinco. O motorista freou a tempo; a pobre velha, com ferimentos ligeiros, foi salva.

Está num hospital. Como deve ter se torturado e se enchido de coragem desesperada para se matar sob o último trem! O sentimento de seu fracasso deve ser pungente, imagino-a chorando baixinho no hospital, miserável e só. Não sou religioso, mas deve haver em alguma parte um Deus para ter pena das velhinhas pobres que querem se matar numa noite de inverno. Que ele lhe dê uma morte sem dor, mas lenta e suave, que ela possa querer bem e achar boa. Que ela se sinta morrer como quem está com muito, muito cansaço, porque teve de andar muito, e enfim já se deitou, e sente que vai dormir.

23.2.50

R. B.